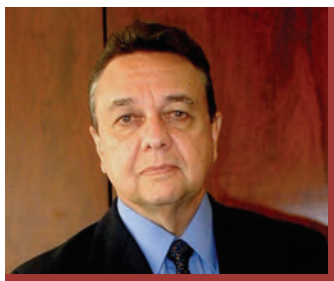


Diário de bordo

Mais irrigação



Roberto Rodrigues*

É POR demais conhecida a importância da irrigação como fator de aumento da produtividade agrícola nas regiões em que a pluviosidade é insuficiente para o desenvolvimento das culturas. A tecnologia está completamente dominada no mundo todo com expressivos ganhos de competitividade dos produtores.

De acordo com a FAO, existe hoje no mundo cerca de 1,533 bilhão de hectares cultivados com produtos permanentes ou temporários, dos quais 18%, isto é, 278 milhões de hectares, são irrigados, produzindo 44% da produção agrícola mundial.

Os dados da FAO se referem ao ano de 2000, quando a Índia já tinha mais de 57 milhões de hectares irrigados, a China mais de 53 milhões, os Estados Unidos superavam 25 milhões, sendo os três maiores neste setor.

O Censo de 2006 divulgado pelo IBGE mostrou que o Brasil irrigava 4,45 milhões de hectares, um aumento significativo de 1,8 milhão desde o último Censo, de 1996, quando a área era de 2,66 milhões de hectares.

Mesmo assim, o Brasil ainda está abaixo de países como Paquistão, Irã, México, Tailândia, Turquia, Namíbia e outros.

No entanto, a própria FAO acredita que o potencial das áreas ainda para irrigar em todo o planeta é de 188 milhões de hectares, enquanto o Brasil pode aumen-

tar seu perímetro irrigado em 25 milhões de hectares. Isso significa que nosso país tem 13% do potencial mundial de aumento de áreas irrigadas.

Estudos realizados pelo governo brasileiro comprovam os dados da FAO: de fato, podemos irrigar quase 30 milhões de hectares (considerando os já trabalhados), levando em conta a disponibilidade de recursos hídricos sem o risco de conflitos com outros usos prioritários para a água e atendendo às exigências da legislação ambiental e florestal, de forma que a expansão da agricultura irrigada seja sustentável.

Segundo Christofidis e Goretti (Revista Item, nº 83/84) de 1975 a 2006 (ano do Censo Agropecuário), 137 mil hectares de terra foram anualmente (em média), incorporados à superfície irrigada brasileira. Atualmente, as lavouras com maiores áreas irrigadas são: cana-de-açúcar (+ de 1,7 milhão de hectares), arroz (+ de 1,2 milhão), soja (620 mil), milho (560 mil), feijão (315 mil), café (260 mil) e laranja (150 mil).

Ainda de acordo com o Censo, 30% da área irrigada nacional eram por inundação ou sulcos, representados sobretudo pelo arroz do Rio Grande do Sul. E as irrigações por aspersão ou gotejamento representavam 70% do total.

Aliás, o Rio Grande do Sul é o Estado que mais irriga (990 mil hectares), seguido de São Paulo (770 mil), Minas Gerais (525 mil), Bahia (300 mil), Goiás (270 mil) e Espírito Santo (210 mil).

Temos muito que evoluir nesse setor e muito a ganhar para a agricultura brasileira.

Mas precisamos de uma estratégia definida, com metas objetivas e adequação da legislação, sobretudo a ambiental. A recente classificação da caatinga como mata atlântica é um exemplo de como a irrigação pode ser atrapalhada em nosso país. ■

* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal

Produzir

Balanço do Plano Safra



Cesário Ramalho*

O PLANO Safra 2010/11 cumpriu sua obrigação ao disponibilizar mais recursos para custeio e investimento para a próxima temporada de produção de grãos. Todavia, aumentar o volume de crédito rural não resolve o principal gargalo do financiamento agrícola.

Números do próprio Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) indicam que, até abril, 32% dos recursos disponíveis do Plano 2009/10 não chegaram às mãos do produtor. E, passado o período de pico da tomada de recursos, é difícil crer que este percentual mudará.

A cada temporada, o crédito rural no Brasil fica mais estatizado. O dinheiro está cada vez mais concentrado numa única fonte. Enquanto isso, as amarras entre o produtor e o Estado sobram, como, por exemplo, a burocracia. E faltam políticas públicas que viabilizem pontes entre o produtor e o mercado.

A lógica do Plano Safra ainda está muito focada no volume de recursos oficiais e pouco voltada em estabelecer vínculo entre o produtor e as novas fontes de capital.

A inexistência de um seguro rural maciço, acessível e eficiente inviabiliza a atração de novos investidores na produção rural. Não se trata de cooperativas, agroindústrias e usinas em momento de ebulição. É, sim, do produtor rural independente, da classe média, o lastro de sucesso do nosso agronegócio. Vai e vem